

O que é o Esperanto?

Os descendentes de Babel

O grupo informal da AIACE-PT do Norte organizou, em parceria com o grupo cultural "O Progresso da Foz", uma conferência sobre Esperanto no Porto, 21 de Setembro de 2018. Com esta actividade homenageou-se José Augusto de Castro, esperantista, cooperativista, humanista que foi o primeiro director de O Progresso da Foz (1978).



A ideia nasceu do nosso companheiro Paulo Branco e foi agarrada pelo núcleo, com o Manuel do Carmo Monteiro à cabeça e as quase 30 pessoas que assistiram provaram que o tema, como a língua, está vivo e interessa a muitos. A Maria João Alvarez, do PF, apresentou a sessão

e os intervenientes. Alexandra Paz e Roger Prieto foram os conferencistas que animaram a sessão, expondo-nos a génese e a história dessa língua, falando-nos do seu criador e entrando no campo dos exemplos para demonstrar que com uma estrutura de 16 regras imutáveis, o Esperanto se poderia aprender em poucas semanas. Com imagens elucidativas houve tempo ainda para ouvir intervenções em Esperanto e tentamos adivinhar, pelas pronúncias, quem seriam os falantes. Difícil, pois o Esperanto pronuncia as letras uniformemente.

Entramos pela noite jantando em mesa animada e muito bem servida pela “Tasca do Bairro”, da Bárbara e do Jorge, que nos tinham aberto as portas para a nossa reunião e conferência desde as 17 horas daquele dia.

No seguimento desta nossa actividade, a Unicepe, cooperativa livreira do Porto, lançou já um curso de Esperanto nas suas instalações.

Na altura dissertamos um pouco sobre o tema: Triturada pelas “grandes” línguas do mundo, aquelas mais interligadas a interesses económicos mundiais, o Esperanto, nascido nos

anos 80 do século XIX, não conseguiu impor-se até hoje como uma alternativa prática, como segunda língua dos povos – a sua aspiração à nascença.

As potências mediáticas, as indústrias ligadas às línguas, os climas e as práticas de guerra, os comodo-situacionistas amantes das utopias (porque concretizar, dá trabalho!), os poderes em geral, aliados à ignorância e às deturpações persistentes sobre as suas origens e objectivos, relegaram esta genial invenção para a estante das curiosidades, das “boas intenções” impraticáveis”. Sabendo nós que todas as línguas são criação humana (artificiais, portanto), não é por aqui que o esperanto se diferencia. É apenas porque as outras são moldadas pelas experiências de vida dos povos que as criaram quase “involuntariamente”, como que sem dar por isso, enquanto que o Esperanto foi trabalhado e reflectido, é fruto de aturada junção de elementos de várias línguas e de uma racionalidade ímpar.

Sabemos ainda que a única diferença entre uma língua e um dialecto é que “a língua é um dialecto que tem um exército e uma marinha por detrás”, pois em ciência linguística são estudados da mesma forma e com as mesmas metodologias. Dependendo então a difusão do Esperanto ao reconhecimento dos poderes políticos, sociais e culturais, resta aos partidários o caminho da persuasão e da divulgação.

Não partilhamos o optimismo do nosso conterrâneo, Raul Brandão, que nos disse: “o Esperanto – o Latim democrático dos nossos tempos – eis o ideal sublime, para o qual caminham todos os povos modernos”, mas temos consciência que “a comunicação entre os povos é já tão grande que eles têm absoluta necessidade de uma língua comum” (Montesquieu, início do XVIII) e que, por isso, o Esperanto sobrevive, apoiado em milhares de seguidores que, ao defendê-lo e ao promovê-lo, manifestam um desejo de paz e de tolerância universais.

Depois disto, o Esperanto não vai ser falado por nós todos, nem a ONU vai decretá-lo língua oficial. O que é certo é que este idioma/movimento ganhou admiradores, conhecedores e, quiçá, praticantes.